



Ousmane Sembène: uma abordagem cultural na luta contra o colonialismo de 1950 a 1969

Gustavo de Andrade Durão
Doutorando em História – UFRJ
gad20055@gmail.com

RESUMO: A trajetória de Ousmane Sembène (cineasta, escritor e militante marxista) explicita algumas estruturas da sociedade africana dos antigos territórios coloniais franceses. Buscando-se a percepção e a valorização das obras de Sembène, e principalmente de sua obra cinematográfica *Le Mandat*, de 1969, tem-se uma representação dos problemas que envolveram a sociedade senegalesa no que tange seus valores humanos, políticos e de identidade no período posterior à independência. Dessa forma, pretende-se promover uma reflexão sobre o papel do intelectual africano no respectivo período, no âmbito de História da África contemporânea, como uma análise acerca dos escritores negro-africanos falantes da língua francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Senegal; História da África; *Négritude*.

ABSTRACT: The trajectory of Ousmane Sembène (filmmaker, writer and marxist militant) explain some african society structures of the old french colonial territories. Seeking the perception and exploitation of Sembène's work, and particularly his movie *Le Mandat*, from 1969, which represents some of the problems surrounding the senegalese society regarding their human values, political and identity in the period after independence. Thus, it is intended to promote a reflection on the role of african intellectual in the respective period, in the course of the Contemporary African History, as a reflection on the black african writers when speaks french.

KEYWORDS: Senegal, African History, *Négritude*.

Introdução

A partir dos estudos de África que surgem com força no âmbito acadêmico brasileiro, pode-se perceber que em poucos anos desde o lançamento da Lei 10.639/03 (que obriga o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas e universidades) muito se fez para enriquecer o conhecimento em relação ao continente e às obras dos intelectuais negro-africanos do século passado.

Através deste balanço e da percepção de fragilidades acadêmicas sobre o tema foi desenvolvido e pensado este artigo, no qual se pretende fazer uma provocação preliminar acerca de um tema que está negligenciado pelos estudiosos da África contemporânea: a África francófona e às implicações do colonialismo francês no continente africano no



período que vai da produção literária pós-independente até os primeiros anos da emancipação política africana.

Este trabalho baseia-se na obra de um importante autor, romancista e militante de um movimento anticolonialista que começa fora da África, mas têm suas bases no questionamento do colonialismo no Senegal. Ousmane Sembène, além de ter sido escritor, foi um importante cineasta, pioneiro na representação da África de expressão francesa através da cinematografia.

A singularidade de sua obra justifica-se por retratar um ambiente social africano em meio às transformações político-sociais do mundo contemporâneo. Além disso, o referido autor expôs elementos suficientes para acreditarmos que a passividade do africano (de expressão francesa) não ocorreu de fato como os livros de história pretendiam nos ensinar ou transmitir.

Ousmane Sembène não deixa de se referir ao Senegal em suas obras e é representante importante de uma elite colonial francófona que pôde acompanhar o processo de independência de seu país. Além disso, participou de uma construção nacional que criticava não só a estrutura capitalista deixada pelo colonizador, mas também o não enfrentamento por parte do ex-colonizado (transformado oficialmente em cidadão a partir de 1960).

Suas obras são de fundamental importância para os historiadores, se analisadas como representação do tempo histórico. Os romances de Sembène e seus filmes demonstram parte do modo de vida africano e das complexidades que foram encontradas após a independência, uma realidade pouco explorada até o momento.

Há diversas obras que poderiam ser escolhidas, tais como *Véhi Ciosane*, *Le Bouts de Bois de Dieu*, *Xala* ou *Molaade*, mas a escolha pelo *Le Mandat* foi motivada pelo caráter representativo da sociedade africana que se relaciona com os poucos estudos sobre pensadores da África Ocidental Francesa.

Através de um diálogo intercultural e interdisciplinar propõe-se movimentar uma reflexão entre a História da África e o contato colonial francês, que se mostra um bom caminho de análise sobre a escrita literária e as movimentações políticas dos pensadores africanos de expressão francesa.



A compreensão dos métodos coloniais franceses (como a assimilação, que contava com a educação colonial dos indivíduos) e as críticas à colonização francesa foram abordadas sutilmente por Sembène em suas obras. Nelas, é possível perceber importantes reflexões através da análise entre literatura e cinema, pontos relevantes na narrativa de Sembène, principalmente, se tomando como base a obra cinematográfica *Le Mandat* de 1968.

Sembène, uma trajetória de crítica e de contestação

Ousmane Sembène nasceu em 1923 e começou a sua carreira como escritor a partir de 1956. Como era comum entre os colonizados na África Ocidental Francesa, ocupou diversos pequenos ofícios como mecânico, pescador, marceneiro, etc. Em 1942 Sembène foi recrutado para ser atirador senegalês (os recrutamentos dos atiradores foram iniciadas pelo deputado Blaise Diagne em 1917) e com isso, deu-se início a sua relação com a metrópole.¹

Pode-se dizer que as obras de Sembène eram direcionadas para uma elite cultural africana que não pôde captá-la de maneira produtiva, como ele almejava. A escolha de Sembène pelo cinema, segundo seus críticos, foi um modo de tornar suas produções acessíveis a um público mais amplo, assim, as obras de Sembène estariam imbuídas de uma característica mais popular². O cinema foi, portanto, uma escolha que além de popularizar seu pensamento, tornou possível difundi-lo mais abertamente.

Vale ressaltar que, no que diz respeito à sua trajetória, Ousmane Sembène foi enviado a Moscou para estudar cinema nos *Estúdios Gorki*, a fim de aprender com os mestres da cinematografia soviética. Esse era o resultado de um programa de incentivo do Ministério da França para a Cultura e Cooperação.³

Contudo, o pensador senegalês não estava sozinho na empreitada de pesquisa e desenvolvimento de trabalhos sobre cinema, pois com ele foram estudar na Rússia outros pensadores africanos como Costa Diagne (senegalês) e Souleymane Cissé (malinês), que

¹ NZBATSINDA, Anthère. Le Griot dans le récit d'Ousmane Sembène: entre la rupture et la continuité d'une représentation de la parole africaine. *The French Review*, EUA, v. 70, n. 6, p. 865-872, mai. 1997, p. 865.

² _____. Le Griot dans le récit d'Ousmane Sembène: entre la rupture et la continuité d'une représentation de la parole africaine, p. 865.

³ GENOVA, James E. Cinema and the Struggle to (De)colonize the Mind in French/ Francophone West Africa (1950s-1960s). *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, EUA, v. 39, n.1, p. 50-62, mar. 2006, p. 58.



pode ter sido o primeiro africano a ter terminado o ciclo de estudos na *École Supérieure de Cinéma*.⁴

Desse modo, vê-se que o papel de Sembène no campo cultural foi de extrema importância, pois operando com as representações da vida cotidiana nas suas obras, o autor expunha um colonialismo que era censurado. Essa crítica circulava na maioria dos periódicos somente a uma parte dos representantes da elite letrada francófona, não atingindo a maior parte da população não alfabetizada.

A trajetória de Sembène foi diferente dos pensadores do Movimento da *Négritude* como Léopold Senghor e Aimé Césaire, já que ele foi autodidata. Principalmente porque o sistema educacional francês nas colônias desconsiderava as tradições culturais dos povos que habitavam os territórios antes da chegada do colonizador e de alguma maneira a obra de Sembène se tornou uma arma importante na luta anticolonial nas décadas de 1950 e 1960.

Segundo o filósofo ganês Anthony Kwame Appiah:

Insistir na alienação dos súditos coloniais de educação ocidental, em sua capacidade de apreciar e valorizar suas próprias tradições, é correr o risco de confundir o poder dessa experiência primária com o rigor de muitas formas de resistência cultural ao colonialismo. O sentimento de que os colonizadores superestimam o alcance de sua penetração cultural é compatível com a raiva ou o ódio, ou a ânsia de liberdade; mas não implica as deficiências de autoconfiança que levam à alienação.⁵

Desse modo vê-se que a característica do sistema de assimilação adotado pela França era a manutenção de um sistema de ensino que não levasse em consideração a vida e os costumes dos súditos coloniais. Por isso, levanta-se a hipótese de que caracterizando essa tentativa de alienação nos mecanismos da missão civilizadora francesa, o papel de Sembène foi de esclarecer sobre as ambiguidades da colonização através de uma militância anticolonialista fortemente influenciada pelo ideal marxista.

Como também aponta a crítica literária Claire-Neige Jaunet, Sembène, bem como Ferdinand Oyono (*Le vieux nègre et la médaille* – 1956) foram romancistas pioneiros na crítica

⁴ GENOVA, James E. Cinema and the Struggle to (De)colonize the Mind in French/ Francophone West Africa (1950s-1960s), p. 58.

⁵ APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai: A África na filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 25.



à atividade colonial francesa e expuseram as necessidades mais urgentes de se pôr fim ao processo colonial na África Ocidental Francesa.⁶

A mesma autora assegura ser a produção de Sembène uma das mais importantes dentre os escritores negro-africanos por estar relacionada diretamente às questões de sua sociedade e de sua época. Um exemplo é a primeira obra publicada de renome: *Les Bouts de bois de Dieu*. O livro tratava da greve ocorrida entre 1947 e 1948 em Dacar, Thiès e Bamako (colônias francesas antes da independência em 1960) e expunha não só as atividades de exploração promovidas pela França, como demonstrava a movimentação dos trabalhadores que exigiam condições iguais de trabalho para todos nas colônias.

É possível perceber ainda que a análise de Sembène nesta obra é pioneira por demonstrar o papel das mulheres diante da contestação ao colonialismo francês e a importância destas em militarem à favor dos homens negros de Dacar.⁷

Segundo um dos principais críticos da obra de Sembène, Anthère Nzbatsinda, o escritor e cineasta pode ser comparado a um *griot*, verdadeiro artista da palavra africana, já que a principal característica das suas obras foi de buscar remontar às tradições africanas⁸. De modo análogo ao *griot* africano, Sembène conta uma história do passado e relembra a oralidade, ou seja, na presente análise ele ilustra um personagem que fez parte da rede de saber. Revelando o ser pensante dentro de um espaço dominado pelo francês, onde o africano era constantemente bombardeado pela ideologia alienante da *mission civilisatrice*.

Utilizando a análise de Aimé Césaire sobre a relação entre a cultura e a política, pode-se compreender a dificuldade e a resistência ao contato cultural francês (bem como sua ideologia) que ocorreu diante do sistema da assimilação. No ensaio apresentado no Primeiro Congresso de Artistas e Escritores Negros em Paris, por exemplo, o autor define que o fracasso de “tal teoria é que ela se baseia na ilusão que a colonização é um contato como outro qualquer e que todos os empréstimos são válidos”.⁹

***Négritude* e a movimentação cultural dos escritores negros**

⁶ JAUNET, Claire-Neige. *Les écrivains de la négritude*. Paris : Ellipses - Col. Réseau_ les écoles artistiques, 2001, p. 66-67.

⁷ _____. *Les écrivains de la négritude*, p. 70-71.

⁸ NZBATSINDA, Anthère. Le Griot dans le récit d'Ousmane Sembène, p. 867.

⁹ CESAIRE, Aimé. Culture et colonisation. *Liberté*, v. 5, n. 1, 1963, p. 29 (tradução livre do autor).



“Subtendido por uma visão marxista, sua arte literária e cinematográfica se encontrava em conflito, frequentemente, com o governo senegalês.”¹⁰ Essa fala da jornalista Nicole Aas-Rouxparis apresenta Sembène, narrando o fato de que este pensador obteve, no final de sua vida, um grande reconhecimento artístico por parte da intelectualidade da antiga metrópole. O que ocorreu para além das discordâncias ocorridas no período de consolidação das independências na África.¹¹

Poder-se-ia questionar o silenciamento por parte de grandes escritores francófonos sobre a atuação de Sembène ou expor a querela que envolveu Senghor e Sembène nos anos de independência do Senegal (1960-1980), mas é preferível retomar o momento da formação intelectual deste autor que se iniciou nos anos 1950. Por isso, a entrevista deste pensador à jornalista Nicole Aas-Rouxparis, ilustra as diferentes posturas de Sembène ao longo de sua trajetória e esclarece em relação a uma melhor compreensão dos primeiros anos de atuação política e intelectual deste pensador.¹²

A década de 50 foi o amadurecimento de um processo que se iniciou com o Movimento da *Négritude* do entre-guerras, e que tomava outros direcionamentos e alianças mais efetivas. Fato que culminaria na análise dos estudiosos do tema com os Congressos dos Escritores e Artistas Negros de 1956 em Paris e 1959 em Roma.

Em relação ao Movimento da *Négritude* animado por Léopold Senghor, Leon Gontram-Damas e Aimé Césaire, pode-se dizer que perde a força de movimentação política ao final da Segunda Guerra Mundial quando os autores alteram o sentido de alguns de seus diálogos (no campo literário e cultural) e se engajam nas atividades políticas dos seus respectivos países, com outras preocupações e linhas de ação.

Para a justa compreensão desta movimentação intelectual africana de expressão francesa, deve-se ter claro que as formas de solidariedade entre os negros se alteram profundamente após o final da Segunda Guerra Mundial.

Como nós vimos anteriormente, nos anos da guerra viriam então a se criar uma pequena sociedade negra parisiense, formada de intelectuais

¹⁰ AAS-ROUXPARIS, Nicole; SEMBENE, Ousmane. Conversation avec Ousmane Sembène. *The French Review*, v. 75, n. 3, p. 572-583, fev. 2002, p. 572, (tradução livre do autor).

¹¹ _____. Conversation avec Ousmane Sembène, p. 572.

¹² AAS-ROUXPARIS, Nicole; SEMBENE, Ousmane. Conversation avec Ousmane Sembène, p. 572-583.



que prolongaram os debates começados antes da guerra, preparando todas as mudanças que viriam.¹³

O historiador Pap Ndiaye afirma que o período de 1945 a 1956 representou o diálogo entre os pensadores africanos assimilacionistas e os anticolonialistas¹⁴. Os primeiros comungavam do ideal de aceitação e implementação do sistema de assimilação preconizado pelos colonizadores franceses; já os segundos eram os que demandavam o fim da presença política e administrativa dos colonizadores na África Ocidental Francesa, prezando pela autodeterminação dos povos nos territórios da África Negra.¹⁵

Ainda vale lembrar que os debates possuíram grande complexidade e exigência no campo intelectual, por grande incentivo do governo francês em garantir bolsas de estudo de qualidade para os indivíduos das elites intelectuais na metrópole. É ainda apontado por Ndiaye que o investimento por parte da Rússia e do partido comunista também foram fatores determinantes na manutenção de redes de solidariedade entre os pensadores negros do início da década de 1950.¹⁶

Por isso, grande parte da historiografia sobre os pensadores negros de expressão francesa define a atuação de Alioune Diop como um fator determinante para o momento que se iniciava. Isso se deu porque a revista *Présence Africaine* (fundada por ele em 1946), conseguiu grande projeção e apoio político de uma intelectualidade negra que ganhava cada vez mais espaço no campo literário da sociedade parisiense. “A *négritude* de hoje, disse Alioune Diop, tem por missão restituir a história em suas verdadeiras dimensões”.¹⁷

Essa grande crítica de Alioune Diop foi pronunciada no Primeiro Congresso de Artistas e Escritores Negros, em 1956, e definia a qualidade da formação intelectual dos participantes de um contexto que ainda não rejeitava totalmente o conceito de *négritude*, mas buscava uma atitude mais direcionada ao sistema de dependência com o colonialismo francês, tanto no âmbito político, quanto cultural.

Ainda na expressão de Alioune Diop no referido congresso: “Os homens de cultura, em África, não podem mais se desinteressar da política, que é uma condição

¹³ NDIAYE, Pap. *La condition Noire: Essai sur une minorité française*. Paris: Calmann-Lévy/ Gallimard, 2008, p. 384. (tradução livre do autor).

¹⁴ _____. *La condition Noire: Essai sur une minorité française*, p. 359-362.

¹⁵ _____. *La condition Noire: Essai sur une minorité française*, p. 361.

¹⁶ _____. *La condition Noire: Essai sur une minorité française*, p. 361.

¹⁷ KESTELOOT, Lilyan. *Histoire de la Littérature Nègro-africaine*. Paris: Karthala/AUF, 2004, p. 214.



necessária do renascimento cultural”¹⁸. Esta afirmação de Diop demonstra que um dos objetivos desse congresso era definir as linhas de ação ideológicas que seriam seguidas pelos artistas e escritores que estavam engajados na luta contra a colonização.

No primeiro congresso (1956), as linhas de ação estavam se definindo em torno dos intelectuais negros americanos, antilhanos, africanos e malgaches com forte presença dos ideais marxistas. De acordo com Lylian Kesteloot, a presença de Josephine Baker no Congresso seria uma representação da multiplicidade de temas que circularam entre os intelectuais ali presentes, demonstrando que as questões culturais ainda estavam essencialmente em pauta.¹⁹

Contudo, aponta-se que, durante esse congresso, as questões nacionais não estavam ainda fortemente definidas e o debate literário-cultural ainda estava em voga. Por isso, percebe-se que o discurso direcionado estritamente ao nacional só se dará mais explicitamente no Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros, em 1959.

Retomando a análise da escritora e estudiosa do tema Lilyan Kesteloot, têm-se que as bases deste primeiro encontro foram tratadas a partir de três verdades fundamentais: “Que primeiramente não há povo sem cultura, que em segundo, não há cultura sem ancestrais e que não há liberdade cultural autêntica sem liberação política prévia”.²⁰

A análise da locução do martiniquenho Aimé Césaire é de suma importância para compreendermos parte do sistema assimilacionista, porque ilustra a dificuldade em se ter liberdade e condições propícias para produzir-se intelectualmente na metrópole. Principalmente quando este afirma que “um regime político e social que suprime a autodeterminação de um povo, mata ao mesmo tempo o poder criativo deste povo”.²¹ Ou seja, é neste contexto de formação de novas propostas para a questão colonial que Sembène procurou engajar-se para tornar possível a realização de suas produções culturais voltadas às transformações político-sociais necessárias à sua realidade.

Sembène e os escritores negros de 1959

¹⁸ KESTELOOT, Lilyan. *Histoire de la Littérature Nègro-africaine*, p. 214-215.

¹⁹ _____. *Histoire de la Littérature Nègro-africaine*, p. 218.

²⁰ _____. *Histoire de la Littérature Nègro-africaine*, p. 219.

²¹ CÉSAIRE, Aimé. *Culture et colonisation*, p. 20.



Certamente essa ambiência cultural foi percebida por Sembène, pois, Aimé Césaire já apresentara seu *Discours sur le Colonialisme* (1950), Frantz Fanon escrevera *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) e Léopold Senghor já circulava seus escritos, como o chamado *Les éléments constitutifs d'une civilisation d'expression negro-africaine* de 1956. Provavelmente Sembène teria acesso àquelas publicações e certamente inteirou-se da discussão sobre produção cultural, racismo e valorização dos aspectos de uma literatura negro-africana.

Cabe lembrar também que a FEANF (Federação dos Estudantes da África Negra na França) representou um papel importante na militância anticolonial, incentivando os estudantes negros a iniciarem as manifestações políticas e aderir aos sindicatos. Nota-se que a partir da análise detalhada de grande parte das fontes trabalhadas, grande parte de escritores que constituem o campo de reflexão sobre o tema da *négritude* exalta o papel das influências marxistas no período (início da bipolarização do mundo contemporâneo) e outras silenciam quanto ao posicionamento destas ideologias como resultado do posicionamento de não alinhamento tomado por muitos países africanos após a conferência da Bandung (1955).²²

Foram ainda instituições como a FEANF e o PCF (Partido Comunista Francês) que incentivaram o Segundo Congresso de Escritores e Artistas Negros (1959), onde a *Présence Africaine* de Alioune Diop continuava com a sua forma de aglomerar os intelectuais engajados nas questões político-culturais e, além disso, onde a SAC (Sociedade Africana de Cultura) possuía um amplo espaço de penetração.

Através das análises dos textos sobre o tema percebe-se que houve uma grande movimentação transnacional dos escritores negros que transpunham os territórios coloniais chegando às metrópoles, atingindo escritores que também eram simpáticos ao tema da emancipação dos povos africanos e suas produções artístico-literárias.

Neste momento, segundo Kesteloot, Ousmane Sembène acabara de escrever seu *Docker Noir* e se aproximava intelectualmente de Frantz Fanon e de Albert Memmi que também expuseram seus trabalhos em diálogos no segundo congresso. A questão de estar engajado ou não foi um dos grandes debates das décadas de 1950 em diante, onde foi exposto que não era mais possível escrever qualquer obra literária sem se tomar um posicionamento claro.²³

²² KESTELOOT, Lylian, *Histoire de la Littérature Négro-africaine*, p. 218-226.

²³ _____. *Histoire de la Littérature Négro-africaine*, p. 226.



Segundo o pensamento do filósofo estruturalista francês Jean-Paul Sartre: “Se tratava na maior parte do tempo de criticar uma política, de denunciar uma medida arbitrária, de se posicionar contra um homem ou contra uma propaganda (...)”²⁴. Essa afirmação faz referência a defesa que o escritor francês faz de um papel de engajamento quase intrínseco ao papel de todo intelectual e homem das letras. Faz-se importante refletir em que medida essas noções foram compartilhadas pelos pensadores africanos como Ousmane Sembène.

Desse modo, como aponta o filósofo francês, essa nova geração intelectual possuía não só um compromisso com a estética e com a arte em si, mas tinha consciência de que ela estava atrelada a um posicionamento político e que a questão colonial restringia e limitava uma qualidade essencial da cultura: a liberdade. Na definição de Aimé Césaire “a ideia de uma influência do político sobre o cultural se impõe como uma evidência”²⁵.

O último congresso antes dos processos de independência (1959) foi importante para essa intelectualidade africana emergente e, sobretudo, para Sembène, já que foram colocados em pauta temas como a participação dos soldados senegaleses (*tirailleurs*), a questão da unidade política e tantos outros assuntos referentes à emancipação dos povos.

É possível que Sembène tenha se utilizado de alguns aspectos das críticas dos escritores que fizeram parte do Movimento da *Négritude* para elaborar suas obras²⁶. Além disso, imagina-se que ele tenha melhor construído toda a sua crítica à civilização francesa a partir disto.

De maneira geral e prática, a colonização não havia como ser combatida sem um projeto que propusesse uma construção ideológica para a unidade do Estado. Por isso, Sembène, com a sensibilidade de um artista e com o compromisso do engajamento do escritor, retratou o processo de assimilação e como ele permanece incrustado na estrutura sócio-cultural de um Senegal pós-independente. Pelo menos é o que fica demonstrado amplamente em sua obra *Le Mandat* (escrito em 1966 e filmado em 1969).

***O Mandato* – uma resposta à herança deixada pela missão civilizadora**

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature?* Paris: Editions Gallimard, 1948, p. 230. (tradução livre do autor)

²⁵ CÉSAIRE, Aimé. *Culture et colonisation*, p. 20. (tradução livre do autor).

²⁶ LIAUZU, Claude. *Histoire de l'anticolonialisme en France: Du XVI e siècle à nos jours*. Paris: Armand Colin, Pluriel, 2007, p. 296-297.



A estória de *Le Mandat*, de 1966, representa uma espécie de odisseia do personagem principal diante das dificuldades de se firmar como cidadão no contexto sócio-político-cultural do Senegal pós-independente. O filme de Ousmane Sembène retrata com vastidão as dificuldades de Ibrahima Dieng para conseguir retirar um vale postal do correio, presente de seu sobrinho (Abdou) que estava trabalhando na França.

Dentre os inúmeros questionamentos de Sembène, pode-se notar a relação com as instituições, com o dinheiro e com as questões complexas de uma sociedade matrilinear e fundamentada nas práticas islâmicas.

A principal dificuldade de Ibrahima em conseguir a retirada do dinheiro do sobrinho é apenas um primeiro aspecto que demonstra inúmeros questionamentos por parte de Sembène, gerando um retrato bastante fiel da situação pós-independente para os indivíduos comuns da antiga África Ocidental francesa.

Os problemas de Ibrahima permeiam o campo da moral, mas demonstram também que há uma imensa dificuldade em agir de maneira igualitária naquela sociedade que é apresentada como dominada pela ambição do capitalismo e das instituições. Um grande exemplo pode ser a fala do funcionário dos correios, quando diz: “Velho, não importa, respondeu-lhe, pousando a mão sob Dieng. Sem foto, certidão de nascimento e carimbo eu não posso nada, deixe o lugar ao próximo.”²⁷

Nessa passagem do livro, percebe-se que a carteira de identidade era o que conferia a cidadania a Ibrahima e quando tenta a retirada do vale postal, o personagem principal do livro compreende a sua impossibilidade. Ao não possuir documento com foto (sua identidade) ele não era realmente cidadão, entretanto, Ibrahima possuía somente o título de eleitor, o que lhe permitiria cumprir sua função de decisão nas escolhas da política, única responsabilidade diante do Estado.

Ibrahima Dieng parece representado tanto na obra literária como na cinematográfica como alguém que está à parte na infraestrutura das instituições no Senegal após 1960, que sem identidade não pode existir perante as estruturas político-econômicas que permeiam o mundo dos antigos súditos coloniais.²⁸

²⁷ OUSMANE, Sembène. *Le Mandat* – Précédé de Véhi Ciosane. Ed. 1996, Paris: Présence Africane, 2008, p. 133, (tradução livre do autor).

²⁸ _____. *Le Mandat* – Précédé de Véhi, p. 133.



Esta reflexão pretendeu demonstrar que além de criticar a burocracia ou a dificuldade em lidar com as instituições presentes no capitalismo moderno, a obra de Sembène, traça uma crítica da Assimilação Total adotada no Senegal durante o período colonial, sobretudo a partir da departamentalização dos Territórios da África Ocidental Francesa a partir de 1920.

Pode-se perceber a importância deste conceito no sentido de que ele explicita um sistema jurídico-administrativo planejado para o controle e a organização dos territórios coloniais. Nas palavras de Anna Maria Gentili: “A Assimilação Total, baseando-se sobre o princípio da igualdade de todos os homens, defendia que não existiam diferenças que não pudessem ser superadas pela instrução e pela ação da ‘missão civilizadora’.”²⁹

Sendo assim, pode-se inferir que a implementação dos mecanismos administrativos dos colonizadores franceses foi uma forte herança deixada pela administração colonial aos antigos súditos que perceberam, conseqüentemente, o agravamento dos modos de exclusão em sua sociedade.

Pode-se perceber representado na obra de Sembène não só a crítica à exclusão do capitalismo, mas também o retrato de uma sociedade que estava deficiente nos seus aspectos morais e nas estruturas das organizações sociais.

O autor de *Le Mandat* quer mostrar que as instituições estão corrompidas e que a moralidade está se tornando um problema social. Por isso, a estória de Ibrahima contada por Sembène merece destaque ao mostrar uma situação sociocultural ainda conturbada, devido ao contato entre o antigo colonizador, a tradição e as próprias tentativas de se compreender uma nova ordem social, neste novo contexto que apresentava mudanças externas ao cidadão comum.

Através da última frase do filme que está também presente na obra literária, “A honestidade é um delito dos nossos dias”³⁰, vê-se claramente que os valores morais foram questionados em sua obra.

A saga de Ibrahima pode representar a decadência dos valores morais na antiga África Ocidental Francesa, que além dos problemas sociais e das questões do cotidiano em África, demonstram a ambigüidade de se ‘herdar’ valores europeus. Ao mesmo tempo, a

²⁹ GENTILI, Anna Maria. Verbete Assimilação. In: BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política, v. 1, 12 ed. Brasília: UnB, 2004, p.64.

³⁰ OUSMANE, Sembène. *Le Mandat* – Précédé de Véhi, p. 189, (tradução livre do autor).



representação do escritor senegalês auxilia a compreensão das estruturas políticas e institucionais do Senegal recém-independente.

Sembène é pioneiro quando expõe uma representação das dificuldades em ser de fato cidadão em meio a uma sociedade que apresenta uma estrutura já complexa, de instituições, burocracias e signos pré-estabelecidos por uma lógica do mundo do trabalho e do sistema capitalista. O sistema das instituições pode ser analisado como as imposições do capitalismo que não apresentaram qualquer sistema lógico de valores morais na sociedade senegalesa das décadas de 1950 e 1960.

Fechando uma análise e convidando ao diálogo

A presente reflexão buscou demonstrar uma representação de África e das complicadas relações coloniais no pós-independência, onde Sembène ilustra elementos fundamentais para as ponderações acerca da História e do processo de contato colonial em meados do século XX.

A manutenção das estruturas institucionais é a principal crítica de Sembène e apesar da possibilidade de escolha de outras obras (como *Xala*) para fundamentar a análise, optou-se por *Le Mandat* que permite estabelecer uma relação entre cinema, obra literária e a História da África. A ‘epopeia’ de Ibrahima foi exemplar para a análise da colonização francesa e de como os escritores negro-africanos representaram-na.

A grande tarefa de Sembène como representante de uma elite cultural africana foi demonstrar as ambiguidades do sistema assimilacionista que deixa uma herança de dependência e uma manutenção de um determinado complexo de inferioridade ao negro-africano. Por outro lado, vê-se a forte característica de inovação na obra do cineasta senegalês, por realizar a projeção de uma ambiência sócio-política e cultural (por sinal, verossímil) em um período decisivamente importante para a África contemporânea.

Para não encerrar a análise sobre a obra de Sembène, deve-se ressaltar que através da leitura e pesquisa das obras literárias e cinematográficas inicia-se uma construção de uma História da África que centraliza o humano e a sua importância no tempo-espaço do continente africano. Nas palavras de Nzbatsinda:

Se por um lado, se preocupa em atribuir à literatura africana sua função sociocultural, e então, de suavizar a ruptura (com o público ‘autêntico’) devido à modernidade inerente à escritura, e talvez, haja nisso também a vontade de uma certa impossibilidade de representar ficionalmente o



‘real’, se ele necessita cada vez explicar e justificar as modalidades e as funções desta representação.³¹

Por fim, a obra dos escritores negros de expressão francesa precisa ser mais profundamente investigada e analisada pela historiografia como maneira de se perceber uma África moderna, complexa e ainda repleta de ambiguidades.

Recebido em: 06/05/2013

Aprovado em: 15/07/2013

³¹ NZBATSINDA, Anthère. Le Griot dans le récit d’Ousmane Sembène: entre la rupture et la continuité d’une représentation de la parole africaine, p. 871, (tradução livre do autor).